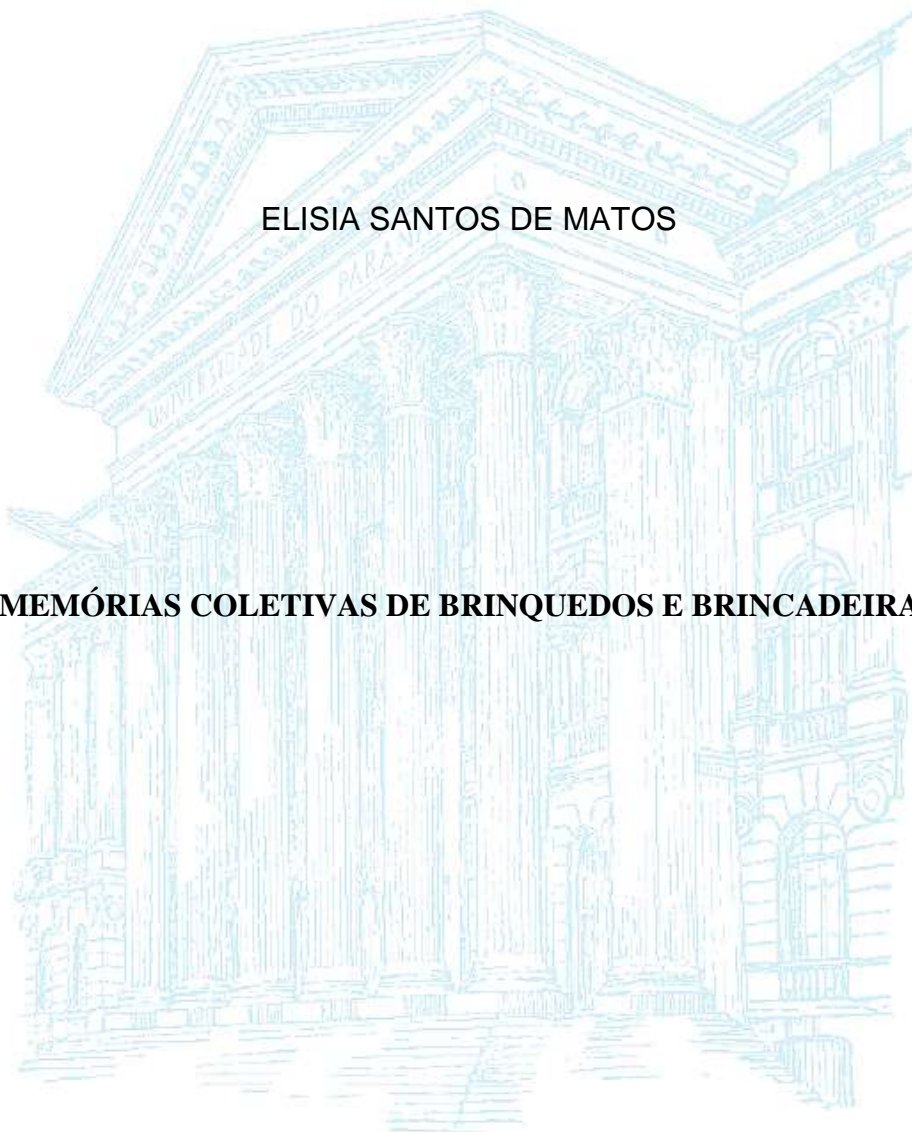


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO E PROCESSOS EM EDUCAÇÃO
DIVERSIDADE E INCLUSÃO

ELISIA SANTOS DE MATOS

MEMÓRIAS COLETIVAS DE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS



MATINHOS

2015

ELISIA SANTOS DE MATOS



MEMÓRIAS COLETIVAS DE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista Gestão e Processos em Educação, Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dra. Danielle Marafon

MATINHOS

2015

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO E PROCESSOS EM EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO.

Aos doze dias do mês de junho do ano de 2015 (dois mil e quinze), reuniram-se na sala temática 25A - Educação Infantil os membros da banca examinadora: Danielle Maranhon (orientador),

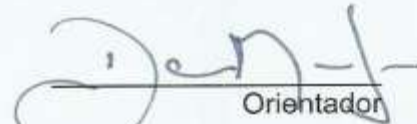
Luízele de Moraes e Matúcio Leor Vitério Agundes para avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso do (a) cursista: Elisia Santos

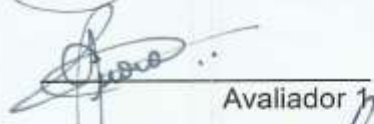
de Matos, sob o título:


Memórias coletivas de brincadeiras e brincadeiras

Após a avaliação deliberou-se que o (a) referido (a) cursista foi aprovado (a) como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gestão e Processos em Educação, Diversidade e Inclusão, tendo obtido conceito APL.

Nada mais havendo a tratar, eu Danielle Maranhon (orientador) lavrei a presente ata, a qual será assinada pelos membros da banca.


Orientador


Avaliador 1


Avaliador 2

Elisia Santos de Matos
Cursista

RESUMO

Este artigo é um relato das memórias coletivas de brinquedos e brincadeiras, que foram reexperimentadas no Módulo de Educação Infantil, repassado em Antonina-PR, fazendo parte do curso de especialização, Gestão de Processos Educacionais Diversidade e Inclusão, ofertado pela UFPR – Setor Litoral, iniciado em março de 2014. O curso de especialização estruturava-se da seguinte forma: no primeiro semestre, aulas presenciais focadas em quatro módulos; Metodologias Inovadoras, Educação Infantil, Inclusão e Educação do Campo, no segundo semestre, os cursistas eram divididos em equipes para fazerem o repasse dos módulos nos municípios do litoral do Paraná e Vale do Ribeira. O público alvo, eram professores e agentes educacionais I e II, das escolas públicas, mas neste meio, também oportunizaram-se para acadêmicos que demonstraram interesses em participar, devido a carga horária, que foi de grande valia a todos. O objetivo deste era sensibilizar profissionais da educação, para a renovação escolar, com um ambiente de trabalho voltado para o prazer da criança. Por este motivo, reexperimentar brinquedos e brincadeiras da infância é de vital importância para a percepção do estudo realizado, das trocas de experiências, dos problemas encontrados e superados e/ou não na infância, da visão de mundo que os cursistas tinham desta fase, quando nela estavam e agora, como adultos. A metodologia utilizada foi com a da docência compartilhada, onde a dialética estava sempre presente, a teoria e a prática caminharam juntas, enriquecendo a vivência coletiva, de forma que a memória que retém fosse individualista e a memória criativa fosse coletiva, assim as experiências chegavam até ao conteúdo proposto. As conclusões referentes a esta proposta, nos permitiu, rever conceitos, nossas práticas pedagógicas, dar outro olhar a nossa profissão, como também, perceber as inúmeras maneiras que as crianças apreendem conceitos, que carregarão para o resto das suas vidas, sendo estes inúmeras vezes nocivos a sua construção como sujeitos, mas todas as vezes que as memórias eram prazerosas estavam sempre presentes os brinquedos e as brincadeiras, da infância.

Palavras-chave: Memórias. Brinquedos. Infância.

1 INTRODUÇÃO

Memórias coletivas de brinquedos e brincadeiras, sempre estiveram no imaginário do povo, este representa um coletivo, que acaba passando pela educação escolar pública, que na maioria dos estabelecimentos, separam o prazer do aprendizado escolar, fato este relevante para a renovação da educação tal a qual a conhecemos. Sensibilizar os profissionais da educação para a importância desta fase, como também de consolidá-la da melhor maneira possível, foi um primeiro passo. Provocar um adulto a brincar, é muito difícil e a sua adesão ao convite aparece com muita resistência, porém se o convite for coletivo, por incrível que pareça, tornou-se mais fácil devido as lembranças devotadas à infância. Isto porque as memórias não são lineares, nem cíclicas elas convergem entre si, misturando-se os tempos e os espaços vividos dependendo de como se conta a experiência, uma mesma situação, por exemplo, vivida simultaneamente, por irmãos na infância, pode possuir relatos com diferentes significações. Não que um ou outro esteja mentindo, apenas são visões diferentes do mesmo fato apropriado.

- São as minhas memórias, Dona Benta.

- Que memórias, Emília?

- As memórias que o Visconde começou e eu estou concluindo.

Neste momento eu estou contando o que se passou comigo em Hollywood, com a Sirley Temple, o anjinho e o sabugo. É um ensaio para a Paramount.

- Emília! Exclamou Dona Benta. Você que nos tapear. Em memórias a gente só conta a verdade, o que houve, o que se passou. Você nunca esteve em Hollywood, nem com a Sirley. Como então se põe a inventar tudo isto?

- Minhas memórias, explicou Emília, são diferentes de todas as outras. Eu conto o que houve e o que deveria haver (...) (Monteiro Lobato, 1950, p.129).

Tanto na literatura quanto na pintura, as brincadeiras são extremamente citadas, um exemplo é o poema Infância:

“Renato/ de gato e rato/ João/ de polícia ladrão/ Joaquim/ anda de patins/ Tieta/de bicicleta/ E Janete/ de patinete/ Lucinha! / Estou sozinha. ” (Sonia Miranda, 1992, p.44).

Com a inspiração para voltar a ser criança, qual seria a brincadeira da Lucinha? Será que ela continuaria sozinha? Será que as crianças da atualidade saberiam brincar de acordo com as pinturas de Candido Portinari¹, Meninos soltando

¹ Também pode ser consultado em:

pipa, 1943. Ou a de João Werner², Burquinha, 2008. E do Ivan Cruz, Crianças rolando aros, 1990? Como será que eram os brinquedos e as brincadeiras de crianças que viveram há muito tempo? Será que eram diferentes das que existem hoje?

Assim, os relatos aqui apresentados, são uma síntese das experiências vividas na multiplicação do curso de Especialização Gestão de Processos Educacionais Diversidade e Inclusão (GPEDI).

MEMÓRIAS COLETIVAS DE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

As crianças que viveram no Egito há mais de quatro mil anos, já se divertiam brincando com bonecas feitas de madeiras e piões de argila. Além disto, gostavam de jogar bola montadas umas sobre os ombros das outras. Entre os pequenos gregos, que viveram há mais de dois mil e quinhentos anos, a diversão era rolar grandes aros de metal. Eles também se divertiam com os ioiôs. Já os garotos romanos, que viveram há cerca de dois mil anos, gostavam de brincar com bolinhas de gude coloridas. Os chinesinhos, que viveram há aproximadamente dois mil e duzentos anos, já se divertiam com as pipas, que ficaram conhecidas aqui no Brasil, por volta do ano de mil e seiscentos. Como podemos constatar, estes brinquedos e brincadeiras existem até hoje, na memória do coletivo, apesar de terem sido inventados há tanto tempo. (Garcia e Martinez. 2012, p. 24.)

Porém, temos uma grande quantidade de crianças que não os conhecem e que infelizmente não irão ter a oportunidade de brincar com eles. Simplesmente, porque ser criança não significa ter infância, algo absurdo, mesmo estando protegida pelo artigo 277, da Constituição Federativa Brasileira, de 1988. Que nela garante a proteção integral a população infanto– juvenil, ainda com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)³ que vem legitimar e completar os direitos destes, mesmo assim, ainda temos inúmeras crianças em situações de vulnerabilidade social. O artigo 53, capítulo IV, do ECA, trata-se da educação e é ela que deve ser o pilar para a

<http://www.portinari.org.br>

² Pode ser acessado em:
<http://www.joãowerner.com.br>

³ Informações acessadas em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm

transformação social. Mas, como se a escola não é um ambiente agradável e acolhedor a esta população? Uma pessoa sem informação não consegue garantir a sobrevivência dos seus filhos, não se percebe sujeito de direitos, torna-se vulnerável às situações difíceis, uma criança que não está na escola tem todas as chances de entrar em contato com atos de violência. Cabe a nós, profissionais da educação transformar a escola em um ambiente mais alegre e acolhedor, e porque não utilizar dos brinquedos e brincadeiras para poder colorir o ensino.

Cito a memória de uma participante da multiplicação: “a minha infância fora marcada pela violência doméstica, infelizmente alcoolismo, eu não tinha boneca, inventava meus brinquedos, vivia com medo...” em nenhum momento ela descreve a escola neste contexto da sua memória. Qual seria o nosso papel, sendo na atualidade? Tal situação ainda ocorre? É relevante para o processo de aprendizagem saber o que se passa com a criança fora da escola?

Outra participante relata que: “Brincava muito, pulava corda, pedrinha do céu, sempre escutava as histórias contadas pela minha avó...” esta também não cita a escola em nenhum momento, se fosse hoje, esta segunda aluna deveria ter a mesma ‘atenção’ que a anterior? Saber da sua história é importante para o seu processo de ensino?

Os brinquedos e brincadeiras mais citados e descritos durante o repasse do módulo de Educação Infantil foram de: escolinha; - palito; - futebol; - teco – teco; - pé de lata; - pneu e arame em forma de L; - bilboquê; - elástico; - mãe baleia; - mãe se esconde; - polícia ladrão ; - peteca; - caracol; - malha com distância; - cabo de guerra; - Suzi; - casinha / panelinha; - corda; - cetra; - bolinha de gude; casinha / cabaninha; - com o caroço da manga, após chupá-la construía brinquedos;- passa anel;- bom barqueiro;- pedrinha do céu; -roda; -construir os próprios brinquedos; - pintar roupinhas de bonecas; - barbante; -comidinha ; entre outros.

Uma discussão interessante que houve, teve como foco o fato de que as meninas gostavam de se sentir como os meninos, por exemplo, “cabelos curtos eram ótimos! ”, “calções e calças eram o que gostávamos de vestir, assim estávamos sempre prontas para as brincadeiras”, “quando nos vestíamos de meninas, os piás tiravam sarro...”. Estes relatos nos levou a discussão sobre o papel da mulher na sociedade, mas também conversamos sobre o Antigo Egito, onde as crianças cresciam nuas, independente do sexo que possuíam.

Quando questionamos sobre a infância na atualidade citaram os seguintes elementos: - consumismo; - tecnologia; - sedentarismo; - narcisismo; - carência afetiva e financeira; - rebeldia; - independência; - insatisfação; - alegria... e ninguém e nenhum dos grupos chegou a citar à escola, à família ou às brincadeiras. Tão importante é o que o coletivo se recorda, mas das coisas que não se lembram ou não veem associação significativa deve ser no mínimo um alerta para estudos. Pois, por mais que a infância tenha o seu lado independente e autônoma, esta necessita de cuidados especiais para tal fase, como também de se dizer, por um adulto, o que se pode ou não fazer quando criança. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente, é considerada criança a pessoa com idade inferior a doze anos e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade (Lei nº 8.069).

Algo pertinente e repetitivo em todos os grupos; a constatação que as crianças da atualidade não sabem mais brincar, e que preferem ficarem sentadas com os jogos tecnológicos ou nas redes sociais. E que cada vez mais cedo, eles se aperfeiçoam com as tecnologias, na reflexão dos grupos gerava inclusive uma “raiva” da internet, como se ela fosse a grande vilão dos nossos pequenos estarem tão distante de nós assim. Porém, no decorrer das discussões sempre aparecia um ou outro a defendê-la, como também a mostrar o lado positivo no desenvolvimento intelectual dos educandos ou filhos. A conclusão que chegamos desta grande polêmica tecnológica fora, que não se voltará atrás tecnologicamente, e que mais do que nunca a população infante – juvenil necessita dos adultos, para direcionarem seus conceitos, de maneira que estes não percam a inocência antes da hora. Mas, como fazer tal coisa? Seria na escola, onde a interação que não acontece mais nas ruas, nos quintais, nas praças, nas casas dos avôs ou em outros lugares pertinentes às brincadeiras, podem e devem ser organizadas.

O quintal/ No fundo do quintal, / amarelinha, / esconde-esconde, / jogo do anel, /um amor e três segredos. / No fundo do quintal, / passarinhos, / tesouros, / piratas e navios, / as velas todas armadas. /No fundo do quintal, / casinha de boneca, / comidinha de folha seca, / eu era mãe, você era o pai. / Quando não existe quintal, / Como é que se faz? (MURRAY, 2004, p. 21)

O poema acima, nos mostra o problema a respeito dos espaços. Nos leva a refletir ações imediatas.

Segundo Nunes e Corsino:

Em várias sociedades, especialmente nas áreas urbanas, crianças de diferentes classes sociais, que não têm acesso à educação infantil, tornam-se cada vez mais semelhantes, partilhando de um tipo de vida aparentemente padronizado, ainda que consideradas as distintas condições

de alimentação, saúde, higiene e acesso aos bens culturais: ficam dentro de casa, entre quatro paredes, sujeitas às privações características de um ambiente confinado (falta de contato com a natureza, movimentação contida etc.); convivem com adultos voltados a tarefas domésticas e a atividades profissionais exercidas em casa (que os impedem de lhes dedicar atenção); passam a maior parte do tempo sozinhas, sem outras crianças para partilhar as brincadeiras; assistem à TV durante horas repetindo à exaustão os desenhos animados... Acabam por ser semelhantes até mesmo em seus mais simples desejos! (2009, p. 25).

Um cursista relata que: “O seu pai era muito violento, daqueles que quando chegava em casa todos estremeciam, e ele como refúgio, gostava de ficar perto dos animais, estes que podiam ser criados no quintal de casa; galinhas, patos, coelhos... o avô contava histórias do Pedro Malasartes, e fazia o impossível para ele com seus irmãos se divertissem durante o dia”.

Muitos outros cursistas, neste mesmo dia, contaram a respeito da convivência com os seus avós, eram recordações doces e românticas, sempre existindo aprendizado por parte deles, havendo um recheio de brinquedos e brincadeiras, nesta fase que hoje se chama de infância.

O Brasil possui uma população de 190 milhões de pessoas, dos quais 60 milhões têm menos de 18 anos de idade, o que equivale a quase um terço de toda a população de crianças e adolescentes da América Latina e do Caribe. São dezenas de milhões de pessoas que possuem direitos e deveres e necessitam de condições para se desenvolverem com plenitude todo o seu potencial. (UNICEF. Brasil. 2011).

Ainda, observando os espaços destinados às crianças, na sociedade brasileira atual, não podemos deixar de citar além das escolas, os centros de educação infantil e as creches, que estão bem longe de serem lugares ou espaços propícios à educação integral das crianças.

Definido por uma educadora, que trabalha num centro de educação infantil, como: “espaço de confinamento, enquanto as mães trabalham, por mais que nós façamos de tudo para eles ainda falta muito para ser o ideal”.

De acordo com Rocha:

Enquanto a escola se coloca como espaço privilegiado para o domínio dos conhecimentos básicos, as instituições de educação infantil se põem sobretudo com fins de complementaridade à educação da família. Portanto, enquanto a escola tem como sujeito o aluno, e como objeto fundamental o ensino nas diferentes áreas, através da aula; a creche e a pré-escola tem como objeto as relações educativas travadas num espaço de convívio coletivo que tem como sujeito a criança de 0 a 6 anos de idade [ou até o momento em que entra na escola] (1999, p. 62).

Tanto quanto dominar conhecimentos básicos como completar a educação familiar pode ser realizado através de brinquedos e brincadeiras na infância. O uso

da imaginação, que também se encontra nos jogos virtuais, deve motivar as crianças a crescerem desenvolvendo as suas potencialidades, mas acima de tudo sempre estar em pauta a relação entre os seres.

No relato de uma professora de Educação Física, que estabeleceu uma comparação entre as crianças dos sextos anos de uma escola rural com outras da mesma idade/série, porém do espaço urbano: “a diferença é gritante e a cada ano que passa os alunos do centro veem piores quanto a coordenação viso-motora, equilíbrio e a lateralidade, temos que ensiná-los princípios do corpo em movimento, que se tivessem brincado no quintal, correndo, nadado ou subido nas árvores já teriam desenvolvidos. ”

Maior ainda é o problema do nosso país, dentro de uma estrutura de ensino defasada, que não consegue manter todos os alunos dentro da escola.

Com 98% das crianças de 7 a 14 anos na escola, o Brasil ainda tem 535 mil crianças nessa idade fora da escola, das quais 330 mil são negras. Nas regiões mais pobres, como o Norte e o Nordeste, somente 40% das crianças terminam a educação fundamental. Nas regiões mais desenvolvidas, como o Sul e o Sudeste, essa proporção é de 70%. Esse quadro ameaça o cumprimento pelo País do ODM 2 – que diz respeito à conclusão de ciclo no ensino fundamental. (UNICEF⁴. Brasil, 2011).

Em se tratando de dados estatísticos 2%, são muitas vidas à margem da sociedade, necessitando de tudo, alimentos, amor, carinho, família, brincadeiras, em fim ser criança de fato. A escola não está adequada à velocidade do século XXI, ela deverá se reestruturar de maneira que estas novas relações que as crianças estão tendo com o mundo sejam usadas para o seu benefício, caso contrário, continuará sem sentido à sociedade, pois informações ela não precisa mais repassar, os meios tecnológicos dão conta disto, e sim ensinar mecanismos de busca e apreensão dos conhecimentos, quando necessário aos sujeitos. Maneiras prazerosas, solidárias, coletivas de construções dos saberes acumulado historicamente, que estão se perdendo no tempo e no espaço real. As famílias brasileiras apresentam outras estruturas, poucas têm tempo de qualidade com os filhos, o maior tempo que as crianças ficam com os adultos são com os seus educadores e/no ambiente escolar. Se na nossa geração era tão divertido brincar e eles não o fazem, devemos ensiná-los também, pois todos os cursistas, dentro das suas memórias coletivas de brinquedos e brincadeiras das suas infâncias, concordaram que é importantíssimo e

⁴ pode ser acessado em:
<http://www.unicef.org>

vital para a construção totalitária das crianças o brincar. Segue o relato de uma cursista que não brincou: “fui adotada aos dez anos de idade, tive seis irmãos adotivos, eu não brincava, organizava a brincadeira de escolinha no quintal, para eles era uma brincadeira, para eu era trabalho, uma maneira de dar conta de tomar a tabuada de todos e de fazer as tarefas da escola e da casa, sem que eles percebessem, eu era rígida... eles eram seis eu uma... mas, para eles sempre foi uma brincadeira”.

Alguns documentos universais trazem o brincar com a palavra lazer, entre eles a Declaração Universal dos Direitos das Crianças, UNICEF, que no seu princípio VII, assegura o direito à educação gratuita e ao lazer infantil, desde vinte de novembro de 1959, anterior a ela tínhamos em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, esta usa a expressão; todo ser humano tem direito a repouso e ao lazer, porém ela não tratava com especificidade as crianças. A Constituição Federal Brasileira promulgada em 1988, assegura-se direitos à cultura aos cidadãos brasileiros, mas só com a Ementa Constitucional nº 26, do ano de 2000, redige-se a palavra lazer. Art. 60 São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção a maternidade e a infância, a assistência aos desamparados, na forma desta constituição.

O ambiente escolar deve ser reorganizado de acordo com esta necessidade também, construir espaços destinados a esta fase da vida, a infância.

Isto mudaria o foco da relação família/escola que a cada dia distanciam-se mais e mais. Também, daria satisfação ao educando, que mesmo com sua escola perto de casa, muitas vezes acaba se evadindo.

Trazemos este exemplo, de estabelecimento escolar que pede socorro, refiro-me a um Colégio Estadual, Ensino Fundamental (6º aos 9º anos nos períodos matutino e vespertino) e Ensino Médio (no período noturno), localizado no centro da cidade de Antonina, seu entorno de mil e quinhentos metros, abrange sete setores censitários da mesma. Observa-se nestes setores, cinco mil duzentas e cinquenta pessoas residentes, quatrocentos e noventa e três pessoas de dez a quatorze anos de idade e dentre estes jovens quatrocentos e sessenta e seis são alfabetizados (dados do IBGE⁵). É o único colégio deste porte na região no raio de um quilômetro e meio, sua infraestrutura, fora reformada há dois anos. Há quadra coberta, o

⁵ Tais informações podem ser encontradas em:
<http://www.ibge.gov.br>

laboratório de informática é junto com a sala dos professores, o laboratório de ciências é desconhecido, pela comunidade escolar, a biblioteca possui exemplares de obras literárias que são mandadas pelo governo, nela há muitos livros didáticos dos alunos em desuso, no final de 2013, algumas salas do ensino regular foram fechadas, conseqüentemente houve uma superlotação nas salas de aulas para o ano letivo, 2014. Foi o pior IDBE⁶. Mas o que esperar, se as salas de apoio foram fechadas no meio do ano, em 2012. Motivo: falta de alunos frequentando.

Mas, tal situação não é novidade, na última década a organização do colégio só vem piorando e a cada ano que passa os pais se afastam mais da escola. Em uma atividade de integração comunidade e escola, realizada em 2012, apenas um pai apareceu na escola. Passou-se, há muito, em perceber que a escola citada acima faliu. Contudo, essa realidade é mascarada. Pois, não vemos o corpo docente se movimentando para reverter ou diagnosticar este quadro. Características estas, comuns a todas as escolas Estaduais ou Municipais da cidade. Há problemas e não há objetivos para saná-los.

O calendário escolar, que é feito por cada estabelecimento e aprovado pelo Núcleo Regional de Educação, estrutura-se com os dias letivos, férias, feriados, recessos, conselhos de classes, planejamento, replanejamento, semana pedagógica, reuniões pedagógicas, semana integração comunidade/escola e, em especial o no de 2014, os dias sem atividades escolares devido a Copa. Sendo o último uma novidade, porém mantendo os duzentos dias letivos.

Percebe-se então, que pode sim, discutir educação na escola, mais do que isto, o ano letivo escolar é muito abrangente para desenvolver práticas pedagógicas voltadas ao resgate e a inovação escolar de todos inseridos nesta comunidade. A ação – reflexão – ação, deve ser estruturada de modo sistêmico, ou seja, não esquecendo nenhum dos segmentos neste processo. Além disso, é sabido que o sistema de educação fechado esta falido, então a busca de parcerias é iminente. Esta busca não se faz com um bate papo informal ou telefonemas especulativos, mas sim na persistência pelo diálogo e na busca de informações.

Logo, iniciado um movimento partindo dos educadores, de ação–reflexão–ação, haverá ganhos a olhos vistos e quem sabe, aqueles vinte e sete alunos

⁶ Estas informações podem ser encontradas em:
<http://sistemasideb.inep.gov.br/resultado>

analfabetos dos setores mapeados, possam ter acesso à educação mais prazerosa e proveitosa, em breve.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo articularam-se leis, citações científicas, relatos ligados às memórias coletivas de brinquedos e brincadeiras da infância, no módulo multiplicado de Educação Infantil, em Antonina.

Como também, aos conteúdos científicos propostos, que caminharam juntos em meio à dialética do processo de aprendizagem. Percebemos que as crianças da atualidade não brincam mais, isto entristeceu a todos. Pois, acreditávamos que tínhamos um grande número de crianças nesta situação, mas percebemos que está generalizado. Contudo, sabemos que não se trata apenas de diversão, mais que isto, quando uma criança não brinca, ela deixa de exercer seu direito, sinal que as autoridades públicas estão deixando de cumprir com as suas obrigações e nós educadores, não promovendo o exercício deste direito, estamos compactuando com este quadro de ilegalidade.

Fazendo com que os participantes dessem outro olhar às crianças, que chegam até nós em meio a este colapso que está a educação pública, através do viés de colorir o seu mundo com brinquedos e brincadeiras do passado foi a nossa principal meta. Após a sensibilização, pensamos coletivamente, em uma escolarização onde a construção da leitura de mundo da criança, seja destinada a este momento; a infância e que esta seja sinônimo de brinquedos e de brincadeiras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 5 de outubro de 1988.

GARCIA, Wanessa; MARTINEZ, Rogério. **A Escola é Nossa**. São Paulo, 2012. 2º ano.

LOBATO, Monteiro. Memórias de Emília. **São Paulo: Brasiliense, 1950**.

Lei nº 8.069, de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Capítulo IV, artigo 53**.

MIRANDA, Sônia. Você quer brincar comigo? “Pra boi dormir”. **Rio de Janeiro: Record, 1992**.

NUNES e CORSINO. Apostila do Módulo: Gestão e Processos de Educação Infantil.

Prof.ª responsável: MARAFON, Danielle. UFPR- Setor Litoral.

ROCHA, Maria de Lourdes R. Apostila do Módulo: Gestão e Processos de Educação Infantil. **Prof.ª responsável: MARAFON, Danielle. UFPR – Setor Litoral.**